

INTERROGANDO A BRANQUIDADE: DISCURSO, RAÇA E PODER NAS HISTÓRIAS DA TIMELY COMICS

GUSTAVO SILVEIRA RIBEIRO¹; ARISTEU LOPES²

¹Universidade Federal de Pelotas –*historiadorribeiro@gmail.com*

²Universidade Federal de Pelotas – *aristeuufpel@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Os historiadores, enquanto pesquisadores, preocupam-se em desenvolver um objeto de pesquisa por meio da análise de fontes que, por sua vez, são os vestígios de um passado que já não existe mais. Durante o século XX, a ideia daquilo que poderia ser considerado uma “fonte” histórica, bem como as possibilidades de questionamentos, foi amplamente alargada. Dessa forma, atualmente os historiadores podem contar com uma gama muito vasta de objetos e fontes para a pesquisa em história.

No mundo contemporâneo, as mídias têm ocupado um espaço cada vez maior na sociedade e, conseqüentemente, no cotidiano das pessoas. Diversos autores já se debruçaram sobre as mídias preocupados com o impacto delas no processo de formação e socialização daqueles que vivem inseridos em sociedades midiáticas. Douglas Kellner, por exemplo, argumenta que as mídias têm um impacto tão profundo que fornecem “o material com que muitas pessoas constroem seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de ‘nós’ e ‘eles’.” (KELLNER, 2001). Elas ajudam a modelar as concepções de mundo predominantes e os valores mais profundos, definindo até mesmo aquilo que pode ser considerado bom ou mau.

Paul Gilroy, por sua vez, possui uma preocupação mais específica em relação às mídias. Para ele, no contexto em que boa parte dos produtos midiáticos que é consumido, sobretudo no Ocidente, é de origem estadunidense (filmes, séries, quadrinhos), “as especificações derivadas dos Estados Unidos quanto ao que acarreta o conflito racial estão sendo projetadas pelo mundo afora como resultados não específicos.” (GILROY, 2007). De forma que, “Aqueles contingências norte americanas tornam-se largamente compreendidas como intrínsecas às operações gerais de divisão racial.” (GILROY, 2007).

Assim, embora desmistificada pela ciência, a ideia de raça tem sido uma constante, circulando pelos meios de informação e entretenimento. Neste trabalho, faremos uma reflexão acerca dos discursos sobre raça nos quadrinhos publicados por uma editora estadunidense entre 1941-45, chamada Timely Comics.

Preocupado com os relatos que chegavam da Alemanha em relação aos judeus, Martin Goodman, dono da editora, de origem judaica, requiriu de dois dos seus funcionários que criassem um personagem que incorporasse os valores patrióticos. Assim, sugriu em março de 1941 o Capitão América, vendendo cerca de um milhão de exemplares na primeira edição. Além dele, a editora também possuía outros super-heróis como Namor e Tocha Humana. O gênero de histórias com super-heróis, embora muito recente, tendo surgido em 1938 com o lançamento de *Superman* pela editora DC comics, fazia muito sucesso e podia atingir um vasto público de leitores. Eram vendidos cerca de 25 milhões de quadrinhos por mês nos EUA naquele período.

Diferente de muitos trabalhos sobre raça, julgamos necessária uma reflexão que não entenda apenas o “Outro” como uma construção racializada, mas que analise o “branco” enquanto um sujeito construído tão racializado quanto os demais. Trata-se de questionar o discurso sobre a representação dominante da branquidade em histórias em quadrinhos publicadas durante a Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho buscou na Análise Crítica do Discurso um arcabouço metodológico adequado para uma análise sobre o discurso raciológico em histórias em quadrinhos. Sendo assim, o método de análise de discurso desenvolvido por Norman Fairclough nos pareceu o mais adequado. Para esse autor, a produção de sentido e significado não ocorre apenas pela linguagem, ela faz parte desse processo, é claro, mas o sentido só é produzido porque o poder está presente no discurso e por trás do discurso.

Essa perspectiva de Fairclough nos permite analisar as relações de poder nas histórias em quadrinhos, sem ignorar que o discurso sobre raça presente nesse material faz parte de um contexto maior, a ideia de raça desenvolvida pela modernidade e as formas como esse discurso foi apreendido pela cultura estadunidense.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nosso trabalho será desenvolvido a partir da análise dessas histórias em quadrinhos em três etapas. Primeiramente, pretendemos fazer uma reflexão sobre como as histórias em quadrinhos comunicam. Entendemos que elas são representações, não apenas entretenimento, mas também uma maneira dos seus autores representarem suas ideias, pensamentos e concepções de mundo. Resumindo, eles registraram nessas histórias aspectos culturais de sua sociedade e tempo, conscientemente ou não. (HALL, 1997).

Na segunda etapa, focaremos na construção discursiva nas representações sobre a branquidade. Os super-heróis Capitão América, Namor, Tocha Humana e outros personagens brancos serão nosso objeto de análise nessa etapa, pois representam um discurso sobre a branquidade em um período de guerra, um período de instabilidade em que o discurso patriótico da editora Timely busca, na ideia de raça, firmar a superioridade dos EUA.

Na terceira e última etapa, pretendemos demonstrar como o discurso sobre raça constrói a diferença significando os personagens japoneses, nativo americanos e negros como o “Outro” racializado.

Os resultados desta proposta de trabalho estão sendo desenvolvidos junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPEL – mestrado – com o andamento da pesquisa pretendemos desenvolver melhor os resultados.

4. CONCLUSÕES

Por fim, a análise do discurso sobre raça nas histórias em quadrinhos publicadas pela editora Timely entre 1941-45, não pode ser dissociada de um contexto discursivo sobre raça mais amplo, que permeava a sociedade estadunidense no início dos anos 1940. Assim, não se trata apenas de analisar o discurso nessas histórias em quadrinhos, mas contribuir para a discussão sobre como a ideia de raça circulava pela sociedade estadunidense nesse período e de que formas o contexto de recrudescimento do discurso patriótico influenciado pelo conflito que despontava na Europa utilizou esse discurso para mobilizar a identidade nacional em relação a um possível inimigo, os nazistas alemães e os japoneses, sobretudo após o ataque destes à baía de Pearl Harbor em dezembro de 1941.

Nossa análise do discurso sobre a branquidade também não pode ser dissociada do “Outro”. Entendemos que a produção da identidade é dependente da diferença. Para que o sujeito racializado “branco” possa existir, é necessário que exista o “Outro”, ou melhor, os “Outros” também racializados, que é o caso dos “inimigos” japoneses, mas também dos negros e nativos americanos. Portanto, é quando o “branco” se relaciona com o “Outro”, que almejamos demonstrar de que formas o discurso assevera sua superioridade, poder e dominação em detrimento dos demais grupos racializados.

Assim, objetivamos contribuir para o desenvolvimento da historiografia em relação à pesquisa com histórias em quadrinhos, que ainda não é muito usual. Mas é nosso intuito também contribuir para os estudos sobre raça, questionando o discurso sobre a branquidade a fim de tirá-la da invisibilidade da norma, demonstrando que a branquidade é uma construção tão artificial como as demais. Finalmente, esperamos, de forma modesta, que este trabalho contribua para acelerar a desnaturalização da “raça”, tarefa que consideramos de extrema urgência dada a persistência dessa ideia até os dias atuais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Theodore. **The Invention of the White Race**. London: Verso Books, 2012.

Fairclough, Norman. **Language and Power**. 2nd Edition. Harlow: Pearson Education, 2001.

GILROY, PAUL. **Entre Campos**: Nações, Culturas e o Fascínio da Raça. São Paulo: Anablume, 2007.

GIROUX, Henry A. **Por uma pedagogia e política da branquidade**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n.107, p.97-132, julho 1999.

HALL, Stuart. **Representation**: Cultural Representations and Signifying Practices. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage/Open University, 1997

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno, Bauru, SP, EDUSC, 2001